

ARMANDINHO E A DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES

VICTOR HUGO DA SILVA VASCONCELLOS*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 11 set. 2022. Aprovado em: 12 abr. 2023.

Como citar este artigo: VASCONCELLOS, V. H. da S. Armandinho e a desigualdade de oportunidades. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 2, p. 263-275, maio/ago. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n2p263-275

Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar a análise de uma tira em quadros do personagem Armandinho, de Alexandre Beck, sob a perspectiva da semiótica greimasiana, a fim de discutir a crítica social que se revela por meio dos sentidos engendrados em sua constituição. O *corpus* apresenta uma temática contemporânea, que pode ser destrinchada e discutida a partir da aplicação do Percurso Gerativo do Sentido. Como referencial teórico, revisamos os estudos de Diana Barros (1997) e Fiorin (2000, 2016, 2018). Como resultados, apresentamos uma reflexão da tirinha acerca da realidade com a qual estabelece contato.

* E-mail: victorvasconcellos@uol.com.br
 <https://orcid.org/0000-0002-0893-8955>

Palavras-chave

Semiótica. Percurso Gerativo do Sentido. Armandinho.

INTRODUÇÃO

Alexandre Beck (1972) é o criador da tirinha Armandinho, o menino do cabelo azul que faz críticas pertinentes à sociedade brasileira. Em 2009, foi criado este personagem, que viria a se tornar seu trabalho mais conhecido. Armandinho é um menino contestador em cujas tiras são apresentados temas polêmicos, por sempre tocar em questões sociais.

Devido à popularidade, Armandinho passou a ser publicado em jornais (como *Zero Hora* e *Folha de S.Paulo*, entre outros) e a ser licenciado para livros didáticos. O personagem também é publicado regularmente, desde 2011, em uma *fanpage* no Facebook.

Em 2019, Alexandre Beck ganhou o Prêmio Ângelo Agostini de “Melhor Web Comics”, pela tira do Armandinho.

Será analisada, neste artigo, a seguinte tirinha:



Figura 1 – Tirinha Armandinho

Fonte: Facebook do Armandinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>. Acesso em: 10 set. 2022.

Para examinar e discutir a crítica social que emerge na tirinha por meio dos efeitos de sentido gerados, será utilizada a análise semiótica norteadada pelo percurso gerativo de sentido.

A metodologia teórica conceberá o plano de conteúdo, ou seja, o plano do significado do objeto, a partir de seu percurso gerativo de sentido, proposto

pela teoria semiótica greimasiana reapresentada por Barros (1997) e Fiorin (2000, 2016, 2018). O objeto de análise será contemplado apenas no *texto verbal*.

Para isso, a semiótica propõe analisar, em separado, os planos de conteúdo e de expressão de um texto para, posteriormente, uni-los em prol da interpretação. O estudo do plano de conteúdo é realizado sob a forma de um percurso gerativo do sentido.

Esse percurso compreende uma sequência de três etapas, que parte de um patamar “mais simples e abstrato para um mais complexo e concreto” (Barros, 1997, p. 13). É por meio do percurso gerativo e pela relação entre suas etapas que se pode apreender o sentido total do texto, segundo seu quadro semiótico de funcionamento.

A primeira etapa é denominada nível fundamental. É nela que se determinam “as oposições semânticas em que se constroem os sentidos primordiais do texto para desenvolvimento da narratividade em um determinado direcionamento” (Ghiraldelli; Soares, 2021, p. 186), pois seu princípio fundamental é a transformação. Essa etapa é expressada pela oposição existente entre o valor positivo (eufórico) e o negativo (disfórico), que determinam a linha argumentativa do texto. A segunda etapa é chamada de nível narrativo, relativo à narratividade do texto, ou seja, a transformação que ocorre entre dois estados mínimos. Na terceira e última etapa – o nível do discurso –, deve-se examinar as relações no momento da enunciação. Desse modo, o sujeito da enunciação rege o discurso de acordo com um ponto de vista, o que permite estabelecer a relação entre enunciador e enunciatário, além de recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico de produção (Barros, 1997).

NÍVEL FUNDAMENTAL

A análise do percurso gerativo do sentido inicia-se no nível fundamental, pelo qual se determina o sentido mínimo do texto. A relação de oposição é dada entre dois termos englobados por um único eixo semântico, em que cada termo seja qualificado como: um eufórico e o outro, disfórico. De acordo com Fiorin (2018, p. 20), “euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, mas estão inscritos no texto”. Portanto, não basta

o leitor ter um julgamento pessoal sobre cada valor, é necessário analisar qual é o caminho percorrido pelo texto. O valor não contém sentido em si, pois esse valor é construído pela narratividade textual. Os valores que constituem a tirinha transformam a narrativa em um percurso disfórico. O valor eufórico é representado pelo “saber”, enquanto o valor disfórico é a “ignorância”.

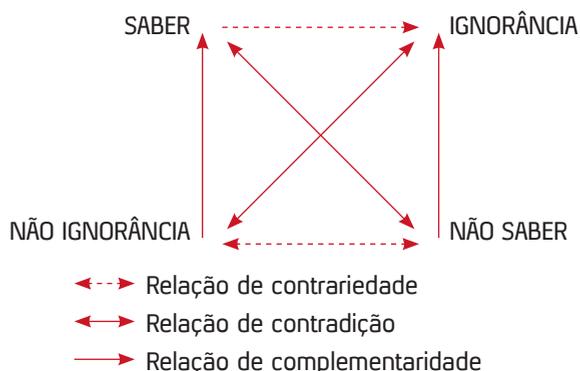


Figura 2 – Quadro do nível fundamental

Fonte: Adaptada pelo autor com base em: <https://www.researchgate.net/publication/314145156/figure/fig13/AS:669046706032654@1536524573502/Figura-1-Quadrado-semiotico-Fonte-Adaptada-de-Greimas-e-Courtes-2008.png>. Acesso em: 27 jul. 2023.

Dessa forma, o texto é disfórico, pois sua operação de sintaxe fundamental termina na afirmação do elemento disfórico – a ignorância. A linha temporal da narrativa constitui-se da maneira como é passado o saber, a negação da ignorância (não ignorância). Entretanto, é um não saber, pois é negado aos personagens o direito de saber como funciona a máquina. Com efeito, permanecem na ignorância. A oposição ocorre entre os valores “saber” (conjunto de conhecimentos gerais, podendo ser acadêmicos, econômicos, políticos, sociais etc.) e “ignorância” (a falta de ciência dos eventos que ocorrem, ou seja, a privação dos conhecimentos).

Quando o personagem Pai do Armandinho fala: “Somos treinados pra apertar parafusos, filho...”, há a contextualização da situação da maior parte do povo, pois a classe trabalhadora é a maior parte de um Estado, seja ele desenvolvido ou não. A segunda fala do personagem já denuncia a segregação que há entre os que detêm o poder (de conhecer) e os que não detêm: “Mas não querem que a gente entenda como funciona a máquina...”. Essa “máquina” é usada como figura de linguagem, uma metáfora que pode designar qualquer

sistema: uma empresa, um sistema de saúde, um sistema de educação, um governo ou até o próprio Estado. No último quadrinho, há a “revelação” de onde está o pai do Armandinho, pois ele diz: “Passe o alicate, por favor...”, despertando o efeito de sentido que o categoriza como aqueles que estão privados do saber, tendo apenas o valor disfórico da ignorância. Chega-se a essa relação, pois “passar o alicate”, na cultura brasileira, remete ao imaginário de que se trata de um técnico, isto é, alguém bem abaixo na hierarquia social, um trabalhador braçal que faz trabalhos simples de manutenção, diferentemente de quem projeta as máquinas.

NÍVEL NARRATIVO

A segunda etapa no percurso gerativo encontra-se no nível narrativo. A narratividade é entendida como “uma transformação de estado, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo em busca de determinados valores investidos no objeto” (Barros, 1995, p. 85). No objeto de análise, em seu aspecto sintático narrativo, há o percurso do pai do Armandinho. Esse percurso é composto por dois programas narrativos. Nesses programas narrativos, é possível observar a manifestação das fases constituintes da narrativa – a manipulação, a competência, a performance e a sanção (Barros, 1997).

As fases que constituem a narrativa não estão sempre em sequência, entretanto, estão relacionadas. A manipulação consiste em uma indução em realizar determinada ação; a competência é vinculada a quem “sofre” a manipulação e equivale ao personagem adquirir um saber para realizar a *performance*; a sanção é o recebimento de um prêmio ou castigo, de acordo com a *performance*, ou seja, se foi ou não realizada nos moldes demandados pela manipulação.

No primeiro programa, o programa narrativo de competência, ocorre a capacitação do pai do Armandinho para a realização de uma ação proposta. No caso, o personagem assume o papel actancial (papel do sujeito no nível narrativo) de destinatário-sujeito, sofrendo uma manipulação preestabelecida ao texto: supõe-se que ele assumiu um “contrato” com um destinador-manipulador (que poderia ser qualquer pessoa ou órgão institucional) e recebe desse destinador a competência necessária para a *performance* estipulada – a de conhecer “como funciona a máquina” (Barros, 1997).

A existência dessa manipulação só fica clara no último quadrinho e, apesar de haver diferentes formas de manipular, neste programa narrativo, supõe-se que o destinador-manipulador faz uso da tentação, por meio da qual é prometida a competência do saber-fazer, a qual irá levar o pai do Armandinho ao poder-fazer (destinatário-sujeito), o que lhe geraria uma posição privilegiada na sociedade. Em uma interpretação mais abrangente e contextualizada na sociedade brasileira, pode-se inferir que alguma instituição de ensino, do ensino básico ou superior, prometeu formar com excelência, gerando valores positivos e poder a seus futuros alunos. O pai de Armandinho poderia ter sido um desses alunos que acreditaram na manipulação de alguma instituição. Alinhando esse contexto educacional à tirinha, revela-se a crítica social, pois uma instituição de ensino deve aprimorar o raciocínio crítico de seus alunos por meio do saber (ensinando como funciona a máquina). Nessa perspectiva da crítica, os interesses da instituição não estariam para as pessoas em geral, mas alinhados com interesses “daqueles que comandam o Estado”, a classe dominante. Essa sugestão é apenas para elucidar o percurso, pois, como já citado, poder-se-ia aplicar a outros mecanismos sociais além da educação.

Com efeito, existe um sujeito do fazer que altera as competências do sujeito de estado, transformando-o, de modo que este saiba e queira realizar a *performance* (ter o saber) para entrar em conjunção com um objeto – estar numa posição de poder. O objeto-valor a ser adquirido pelo sujeito de estado são os valores capitalistas, representados pela posição de poder e financeira. O destinatário-sujeito aceita os valores propostos e parte para a realização da *performance*, não obtendo sucesso. Sua sanção é o fracasso.

O outro programa dentro do percurso do pai do Armandinho é o do destinador. O programa narrativo do destinador é aquele visto da perspectiva do sujeito doador ou destinador de valores modais, de modo que este é quem determina quais valores devem ser visados, por meio de uma espécie de contrato com o destinatário-sujeito (aquele que sofre a ação/recebe valores), denominado manipulação, conforme já dito. Para realizar sua ação, ele deve lidar com a adversidade de orientar seu filho Armandinho sobre o funcionamento do mundo. Essa orientação tem o valor de alertá-lo sobre a dificuldade de alcançar uma posição de poder. Para isso, o pai inicia a própria manipulação, dando início ao programa narrativo do destinador-manipulador.

Destarte, o pai do Armandinho assume o papel actancial (papel dos sujeitos no nível narrativo) de manipulador-destinador que, para realizar a orientação ao seu filho, alerta o destinatário, Armandinho (destinatário-sujeito), para

que ele (o filho) entre em conjunção com os valores do capitalismo (objeto-valor), por meio da explicação acerca da manipulação que sofrera anteriormente e da manipulação por provocação. O objeto-valor do capitalismo é o sucesso (geralmente associado ao dinheiro), mas, para isso, o filho tem de conhecer as “regras do jogo” para não ser enganado. Entrar em conjunção com os valores do capitalismo, nesse caso, só é possível por meio do conhecimento (o saber).

A provocação é o tipo de manipulação que não propõe nem um valor positivo nem um valor negativo para o destinatário. Entretanto, cria-se uma imagem negativa da competência do destinatário para, assim, no texto, impulsionar o filho a fazer melhores escolhas na vida. O pai caíra na tentação de absorver o saber para ter poder, o que não funcionou. Dessa forma, o pai conta a Armandinho que o discurso das pessoas poderosas pode enganar.

Dando sequência à ordem cronológica de acontecimentos do objeto, para que a manipulação seja bem-sucedida, o destinatário Armandinho deve compactuar com valores propostos pelo destinador seu pai. Entretanto, a tira não mostra ao leitor a escolha que ele (Armandinho) fará. No último quadrinho, há a revelação de que o pai não conseguiu o saber desejado e, por isso, a provocação se constitui: eu (pai) não consegui; você, meu filho, vai conseguir vencer?

As modalizações são determinações de quatro tipos (modos): o querer, o dever, o poder e o saber (Barros, 1997). Elas podem qualificar a relação do sujeito com o seu fazer (modalização do fazer). A modalização do fazer é responsável pela competência para a realização da *performance* do sujeito.

Nesse aspecto, no texto, tem-se o pai, sujeito de estado, qualificado pelo destinador que lhe vendeu um curso superior (no exemplo da má-fé de uma instituição que não cumpre com o objetivo de aprimorar um estudante), adquirindo as competências do saber-fazer (caracterizando uma modalização do tipo atualizante do fazer, que o qualifica para a ação como sujeito atualizado) e desenvolvendo o querer-fazer (tipo de modalização atualizante do fazer, que instaura o sujeito). No processo de modalização do ser, o sujeito de estado, transformado pelo sujeito do fazer, passa a investir valores nos objetos e a se relacionar com esses valores (querer, poder, saber ou dever – ou não – estabelecer conjunção ou disjunção com os objetos). Dessa forma, o pai, um sujeito transformado pelo querer-fazer a partir da manipulação estabelecida pela instituição qualificada com o saber-fazer e que, na prática, não pôde fazer, nem estar numa posição de poder.

NÍVEL DISCURSIVO

Em seu aspecto sintático, o nível discursivo é constituído pelas estruturas discursivas na enunciação, isto é, as projeções de pessoa, de tempo, de espaço que constituirão o discurso. Com efeito, o nível do discurso abrange as projeções da instância da enunciação no texto e as relações entre enunciador e enunciatário, bem como os efeitos de sentido. Portanto, “no nível discursivo, as formas abstratas do nível narrativo se revestem de termos que lhes dão concretude” (Fiorin, 2018, p. 41).

Alinhado com a semiótica greimasiana, o mecanismo sintático utilizado para projetar tempo, espaço e pessoa, no discurso, é denominado *debreagem*, enquanto sua neutralização é denominada *embreagem*.

Tanto a *debreagem* quanto a *embreagem* podem ocorrer de forma enunciativa (pessoa – “eu”; espaço – “aqui”; tempo – “agora”) e/ou enunciva (pessoa – “ele”; espaço – “lá”; tempo – diferente do “agora”).

Na tirinha, observa-se apenas a presença de *debreagens* (enuncivas e enunciativas). Na primeira fala do pai, “Somos treinados pra apertar parafusos, filho...”, pode-se perceber a ocorrência de uma *debreagem* enunciativa de pessoa: há um “nós” (primeira pessoa do plural – eu incluso) falando diretamente para um “tu”, nesse caso, explicitado pelo termo “filho”. O uso desse tipo de *debreagem* de pessoa foi escolhido para relatar uma tentativa de universalizar a lição que o pai busca passar ao filho.

Ao usar “nós”, na tirinha, sugere-se que é o diálogo entre pai e filho a fim de esclarecer um ponto importante da vida: que Armandinho não fosse tão ingênuo e ficasse esperto. Como se trata de uma crítica social, o efeito de universalidade do discurso atinge o leitor da tira acerca da manipulação que há dos mais poderosos sobre a maior parte da população. A crítica engloba todos aqueles que não são poderosos e que ficam à mercê de promessas falsas ou de sonhos que só serão cumpridos se houver “permissão” de alguém, ou se “quiserem”; mas “não querem”.

Sobre a projeção de tempo na primeira fala, assim como na projeção espacial, não há explicitação de marcas, no entanto, observa-se a *debreagem* enunciativa na marcação do tempo verbal, pois o tempo verbal empregado é o presente, ou seja, o “agora”. O efeito que se produz com o uso da *debreagem* enunciativa de tempo é o de tornar a crítica atual, no momento em que a tirinha é publicada e lida. O tom da fala do pai, utilizando o presente do

indicativo, soa como uma afirmação segura por parte do personagem, já que está relatando ao menino a partir de suas supostas experiências, pois já é um adulto e pai. O presente do indicativo não abre margem para dúvidas, como no modo subjuntivo ou no futuro do pretérito do indicativo.

No segundo quadrinho, a fala do pai continua no tom professoral: “Mas não querem que a gente entenda como funciona a máquina...”. Nela, ocorrem a debreagem enunciativa de pessoa e as embreagens enunciativas de pessoa e tempo. O espaço fica sem definição por falta de marcas textuais, entretanto, é possível sugerir que, por se tratar de uma tirinha crítica, o Brasil seja o espaço, o lugar em que moram os personagens; logo, não se trata de um espaço desconhecido ou distante da realidade do universo criado pelo autor. A debreagem enunciativa ocorre na indeterminação do sujeito “não querem [...]”, dessa forma, é delegada a um terceiro a assunção da proibição ao saber. Esse deslocamento da primeira pessoa para a terceira configura a debreagem enunciativa do discurso, pois se fala de um terceiro de maneira objetiva.

Ela surge quando diz “a gente entenda como funciona a máquina”, pois o “a gente” retoma novamente o “nós” universal (com o “eu” incluso). Esse recurso gera o efeito de incluir também o leitor. Todos “nós” não sabemos como funciona a máquina, apenas os que “não querem” (eles = os poderosos) que sabem. O tempo no presente reforça o momento da crítica, tornando-a (de certo modo) atemporal. Novamente, enunciada com a debreagem enunciativa.

A última fala da tira é proferida também pelo pai: “Passe o alicate, por favor...”, e nela observa-se a debreagem enunciativa de pessoa e tempo. A debreagem de pessoa é perceptível no modo imperativo dirigido ao menino, um pedido do “eu” para o “tu” – “eu peço que me passe o alicate, por favor”. O tempo da fala em questão, no presente do indicativo, demonstra o tempo “agora”.

Nas projeções de pessoa no discurso, este comporta a existência de seis entidades: enunciador, enunciatário, narrador, narratário, interlocutor e interlocutário. “Enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis de destinador e de destinatário do discurso” (Barros, 1997, p. 60).

O narrador é um simulacro discursivo do enunciador, a quem o enunciatário delega a voz para “narrar”. O narratário é a quem se destina a narração – um simulacro de enunciatário.

O interlocutor é o “eu” que fala quando o narrador transfere a palavra para a personagem, ator do discurso. O interlocutário é com quem o interlocutor

encena no discurso – o “tu” com quem esse ator fala quando recebe a palavra do narrador.

Na tirinha, existe um narrador como uma entidade não explicitada, apesar de se perceber sua presença: a presença de quadrinhos. A delimitação dos quadrinhos estabelece uma fronteira clara entre a fala do narrador e a das personagens, em que instaura o discurso direto. Desse modo, a palavra é dada aos personagens, atores que funcionam como interlocutores e interlocutários.

A marcação dos quadrinhos, bem como o discurso direto, são elementos do plano de expressão que caracterizam as histórias em quadrinhos de modo geral, além de serem um artifício do enunciador para persuadir o enunciatário sobre a encenação. Além disso, o modo como as falas estão dispostas condiz com uma situação possível: pais orientando seus filhos.

TEMAS E FIGURAS

Na semântica discursiva, os valores apropriados pelo sujeito da narrativa são revestidos de elementos semânticos por meio dos temas e das figuras. Os temas são investimentos semânticos conceituais e discorrem ao longo do texto sendo recobertos pelas figuras – elementos mais palpáveis.

A tematização funciona como uma formulação de valores abstratos, organizados em percursos temáticos, que explicitam um determinado tema e indicam uma possível leitura do texto. Desse modo, os temas classificam e organizam a realidade significativa do discurso. De acordo com Greimas e Courtés (1989, p. 454): “a tematização pode concentrar-se quer nos sujeitos, quer nos objetos, quer nas funções, ou, pelo contrário, repartir-se igualmente pelos diferentes elementos da estrutura narrativa em questão”.

Com efeito, o processo de figurativização propicia o recobrimento dos percursos temáticos pelas figuras, atribuindo a eles traços sensoriais, como cheiro, toque, gosto, cor e aspecto. A relação entre as figuras de um texto e seus efeitos de sentido é chamada de percurso figurativo.

Na tirinha de Armandinho, há a ocorrência do tema desigualdade de oportunidades, em que não há a distribuição igualitária de poder, o que favorece apenas uma pequena parcela da população, pois a maioria, estando na ignorância acerca dos mecanismos político-sociais, acaba se conformando com apertar parafusos, isto é, não tendo a possibilidade da ascensão social.

A ocorrência de traços semânticos que permitem estabelecer uma leitura com o tema da desigualdade de oportunidades (saber × ignorância) dá-se pelas seguintes expressões lexicais: “treinados para apertar parafusos”; “não querem que a gente entenda como funciona a máquina”; e “Passe o alicate”. É possível também opor itens lexicais como “parafusos”; “máquina” e “alicate”. Outra oposição para reforçar a manipulação “estatal” pode ser representada por “treinados para” e “não querem que a gente entenda”.

A temática da desigualdade é mais bem compreendida quando se usa o verbo “treinar” e não “aprender” ou “entender”, no primeiro quadrinho. O treinamento sugere algo repetitivo e/ou pontual, sem uma carga de reflexão.

O segundo quadrinho, iniciado pela conjunção adversativa “mas”, sugere que se há treinamento, é só para uma ação isolada, já que “não querem que a gente entenda como funciona a máquina”. Dessa forma, há uma ação arbitrária de proibição de acesso ao conhecimento, que se torna algo restrito, exclusivo de algumas poucas pessoas, independentemente do desejo de saber. O saber é controlado e restrito, a ignorância é livre e distribuída.

No último quadrinho, há a revelação de que lado está o pai de Armandinho. Na fala em que pede o alicate, há a sugestão de que está apertando parafusos, elemento figurativo para aqueles que não detêm o saber, pois não sabem como funciona a máquina. É possível observar que o tema principal “distribuição desigual de oportunidades” está representado pelos termos, na interpretação, “saber” e “ignorância”, que se opõem entre si e são manifestações discursivas do par semântico do nível fundamental.

A interpretação da tirinha considerou o universo do capitalismo, em que há hierarquia e privilégios, muitas vezes diretamente ligados ao poder aquisitivo e ao poder simbólico (teoria do poder simbólico – Bourdieu). Essa maneira de ler torna-se viável por meio das relações de trabalho explícitas na tirinha e pelo controle de alguns poucos indivíduos sobre os corpos de uma maioria (biopoder – Foucault). A relação retratada na tirinha por meio dos personagens – as figuras – concretiza e reitera a figurativização do tema do capitalismo, tão presente na estrutura social.

CONCLUSÃO

No nível fundamental, a ignorância é colocada como uma situação perene, não por conta das pessoas em si, mas por conta de um sistema que não permite

o acesso. O saber é exclusivo de alguns, não de todos, tornando o poder também muito restrito. O personagem pai do Armandinho critica os paradigmas sociais aos quais as pessoas estão “presas”: nem todas as pessoas sabem desses paradigmas e não percebem que estão sendo prejudicadas diretamente.

No nível narrativo, a estruturação do objeto analisado fornece ao leitor uma relativa quebra de expectativa quando o personagem pai (destinatário no primeiro programa e destinador no segundo) pede o alicate. Desse modo, há uma situação confessa de que ele também foi enganado pelo sistema, embora tenha consciência das regras do jogo. Entretanto, como manipulador, no segundo programa, há certo descrédito da personagem perante o filho, tornando o percurso disfórico.

Na modalização, no caso da cultura capitalista, o sucesso é visto como o objetivo de vida. Quem não alcança uma boa quantia financeira e posto de comando, muitas vezes, é tido como fracassado. A valorização do querer-fazer capitalista surge em consonância com o fracasso do pai como uma esperança ao filho. O dever-fazer do filho é buscar o poder-aprender, e não apenas apertar parafusos, mesmo com a advertência do pai sobre a dificuldade e as proibições inerentes ao sistema. Vencer nem sempre depende da vontade do sujeito.

No nível do discurso, as escolhas projetivas de pessoa e tempo reiteram a oposição fundamental do texto, em conjunto com o tema analisado e suas figurativizações. Essas escolhas são elementos determinantes para o diálogo entre enunciador e enunciatário. Por meio dessas astúcias enunciativas (e textuais), o enunciador figurativiza seu posicionamento e gera, assim, reflexão social, à medida que os temas e as figuras encontrados na tirinha estão em circulação na sociedade.

Armandinho and the inequality of opportunities

Abstract

This article aims to analyze a comic strip of the character Armandinho, by Alexandre Beck, from the perspective of greimasian semiotics, to establish a greater understanding of the text and the meanings engendered in its constitution. The corpus presents a contemporary theme, which can be unraveled and discussed from the application of the generative trajectory of meaning. As a theoretical framework, we reviewed the studies by Diana Barros (1997) and

Fiorin (2000, 2016). As a result, we present a reflection of the comic strip about the reality with which it establishes contact.

Keywords

Semiotics. Generative trajectory of meaning. Armandinho.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1997.
- BARROS, D. L. P. de. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, A. C. de; LANDOWSKI, E. (org.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: Educ, 1995. p. 81-97.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FIORIN, J. L. Modalização: da língua ao discurso. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 44, p. 171-192, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4204/3799>. Acesso em: 9 set. 2022.
- GHIRALDELLI, P. R.; SOARES, T. B. O percurso gerativo de sentido em Mafalda. *Porto das Letras*, v. 7, n. 1, p. 183-200, 7 fev. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11209>. Acesso em: 8 maio 2022.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.